

REDYSON, Deyve (org.). *Budismo e filosofia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013. 232 págs.

Karla Samara dos Santos Sousa

Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB
karlasamarasousa@gmail.com

É surpreendente e plausível o crescimento dos trabalhos desenvolvidos no Brasil com temáticas intrínsecas ao pensamento oriental, especialmente sobre o Budismo. Em vista disso, pretendemos apresentar uma breve resenha da obra *Budismo e Filosofia*, cuja articulação e iniciativa são do professor Deyve Redyson (Universidade Federal da Paraíba) que, juntamente com outras incursões em língua portuguesa a esse respeito, acenam para um notável interesse, não só da academia, mas também do público em geral, pelos ensinamentos do Buda.

Além da publicação de algumas obras e de traduções pioneiras, a exemplo de *Ensinamentos do Buda*, uma antologia do Cãnone Páli (organização, tradução e material complementar de Nissim Cohen) e do empenho do Revmo. Ricardo Mário Gonçalves que não mediu esforços em apresentar o budismo em língua portuguesa, outras iniciativas importantes nesta área foram surgindo. Com ênfase destacamos os Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), esta última com um notável contributo. A UFPB, através do Grupo de Pesquisa CNPq Padma e do Programa em Pós-Graduação em Ciências das Religiões, realizou no ano de 2012 o primeiro encontro de Pesquisas em Religiões e Filosofias da Índia e, em 2014, o primeiro Seminário de Pesquisas em Religiões e Filosofias da Índia e da China. Temos ainda a criação e o fortalecimento de grupos de trabalho (GTs) relacionados ao budismo, em eventos de âmbito nacional e internacional. Tudo isso, somado a publicações de resenhas, traduções, produção de artigos, livros, dissertações e teses, reconhecidamente de qualidade, demonstra o quão é possível promover reflexões e leituras a respeito das percepções e ideias que trazem o “pensamento búdico”.

O livro *Budismo e Filosofia* respalda esse crescimento dos estudos budistas no Brasil; daí são claras as razões pelas quais surgiu a proposta de compilação dessa obra. A principal dentre estas reside na avaliação positiva da possibilidade de discussões que se tem visto nesta área como já mencionamos. A obra reúne nove textos de alguns dos mais relevantes pesquisadores da *literatura búdica*, dentre os quais podemos citar: Ricardo Sasaki, Joaquim Monteiro, Ricardo Mário Gonçalves, Giuseppe Ferraro, Leando Durazzo, Clodomir B. de Andrade, Paulo Borges, Derley Menezes Alves e o próprio Deyve Redyson.

No primeiro capítulo do livro, que tem como título *Uma história da tradução budhista no Ocidente* ou *Uma história da tradução dos textos budhistas nas línguas ocidentais*, o professor Ricardo Sasaki (Centro de Estudos Buddhistas Nalanda, MG) apresenta-nos uma breve exposição das línguas presentes na Índia antiga que propagaram os textos budistas no mundo ocidental. Em especial, ele destaca a língua páli, uma língua que provém de um ancestral comum da língua sânscrita. Sasaki relata que os primeiros contatos dos povos ocidentais com os textos budistas foram marcados por equívocos e fantasias. Quanto às traduções dos textos budistas, o quadro não é distinto. Para o autor, houve uma série de enganos na tradução das obras budistas (e de todas do Oriente) na Europa até a década de 1940; fruto disso, além de outros motivos, gerou-se uma espécie de desconforto e desconfiança no que tange a recepção de tais textos na academia ocidental.

No segundo capítulo, *Schopenhauer e o Harivarman, uma possível confrontação*, temos uma interessante reflexão filosófica do professor Joaquim Monteiro (UNIPAZ/RS) acerca das proximidades e dissonâncias entre o pensamento de Schopenhauer e o filósofo budista indiano Harivarman. Para Monteiro, ambos os filósofos são semelhantes em nível de postura e estilo, ao mesmo tempo em que apresentam percepções filosóficas essencialmente distintas. É essa divergência que chama atenção. Monteiro defende que a oposição entre esses dois pensadores é máxima em nível teórico. Enquanto Harivarman afirma a teoria dos ‘dharmas condicionados’, através das ‘seis consciências’, negando absolutamente qualquer realidade *nomênica* ou conceito metafísico da Vontade, Schopenhauer a considera como algo universal, presente em toda natureza. Além disso, conforme enfatiza Monteiro, em Harivarman não há negação da Vontade, o que há é o discernimento correto.

No terceiro capítulo, intitulado *Minha Trajetória no Higashi Honganji*, somos presenteados com um relato ímpar do Reverendo Ricardo Mário Gonçalves – Shaku Riman (Templo Higashi Honganji, SP) sobre sua trajetória de vida e experiências com o Budismo. Nesse texto, o autor narra sua descoberta do mundo oriental nos anos de juventude, sua formação acadêmica na USP e sua ligação com o Budismo Shin no Templo Higashi Honganji. Gonçalves nos conta que o seu primeiro contato com o Budismo foi com o Budismo Shin. Como estudante do Curso de História na USP conheceu o Budismo Zen e posteriormente foi iniciado no Budismo Shingon no Japão. Mesmo assim, Gonçalves conservou um especial interesse pelo Budismo Shin. Ainda como estudante, ele conheceu Otani Sensei ou Mestre Otani, o qual deixou marcas indeléveis em sua existência, como ele descreve (ver p. 71). Segundo Gonçalves, o Mestre Otani foi uma dessas figuras excepcionais que possuía uma inesgotável vitalidade e não media esforços para dar profundas lições do Dharma. Daí surgiu seu grande apreço pelo Budismo Shin. Gonçalves se ligou formalmente ao Templo Higashi Honganji como monge da ordem Otani, assumiu a função de pesquisador e tradutor e se dedicou à produção acadêmica budista no Japão, onde até hoje colabora. Ademais, ele vem contribuindo no diálogo inter-religioso e no intercâmbio com as comunidades budistas não japonesas, a exemplo da tibetana e da chinesa.

O capítulo quatro apresenta uma interpretação filosófica sobre a doutrina dos cinco agregados, ou cinco ‘skandhas’ dos ensinamentos budistas. No referido texto que tem como título *A doutrina dos cinco skandha: uma contribuição budista à reflexão contemporânea sobre a mente*, Giuseppe Ferraro (UFMG) defende que questões a respeito da identidade pessoal, relação mente-corpo, inconsciente, etc. estão presentes no arcabouço teórico da literatura budista, assim como estão nos escritos filosóficos ocidentais, sobretudo da filosofia da mente contemporânea, embora não se trate de uma justaposição de ideias. O autor nos mostra que a doutrina budista do *annata-vada* e a doutrina dos agregados do apego apresentam pontos de vista dissonantes à concepção cartesiana do si na cultura ocidental; dissonância esta que, segundo o autor, torna-se um impacto aos nossos olhos e atinge os próprios fundamentos de nossa civilização. Os ensinamentos budistas negam a existência do si pessoal e afirmam a existência de diferentes agregados psicofísicos como constituintes de nossa personalidade, a saber: forma/materialidade, sensação, cognição, volição e consciência. Ao ver do autor, essa leitura frontalmente vai de encontro à perspectiva egocêntrica difundida não só no campo filosófico, mas em toda nossa cultura.

O capítulo cinco, intitulado *Experiência e relato da experiência: modernas abordagens no discurso sobre o zen*, Leandro Durazzo (Universidade de Lisboa) apresenta uma problemática presente nos estudos acadêmicos sobre o budismo: a homogeneização no imaginário euro-americano do Budismo Zen a partir da chegada do Budismo Meiji nos Estados Unidos e da crítica hermenêutica de Susuki. O autor pontua que, fruto disso, o Budismo Zen se tornou sinônimo da noção de *experiência*, seu foco passou a ser a realização da natureza búdica e a iluminação individual. Fazendo um paralelo com o budismo Chan e Terra Pura chinês, o autor esclarece que estes se distanciaram do Budismo Zen, justamente no que concerne à questão da experiência. Um dos argumentos de Durazzo em favor dessa abordagem é o de que, a preocupação discursiva com a dimensão da experiência é recente, pelo menos no campo das ciências das religiões, pois, antes se via apenas um asoberbamento de reflexões metafísicas e vivências místicas na academia. É aí que o Budismo Zen entra em cena; todavia, ressalta o autor, é preciso “balan-

cear o peso do discurso modernizador do budismo com a essência crítica acadêmica a essa ‘de-generação’” (p. 115), pois, muito desse discurso no ocidente se perdeu em práticas não budistas.

Posteriormente, no sexto capítulo o Professor Deyve Redyson (UFPB) apresenta-nos os *Aspectos da Natureza de Buddha a partir de ‘o precioso ornamento da liberação’ de Gampopa*. Aqui o autor traz algumas das principais incursões acerca do caminho para se entender a liberação através da natureza manifesta do Buda em todos os seres, segundo Gampopa, mestre da linhagem tibetana Kagyü. Redyson analisa a essa linhagem e a trajetória do grande mestre Gampopa para então fazer referência ao *Precioso Ornamento da Liberação*, texto que trata da sabedoria e a forma com a qual se alcança a sabedoria. Segundo o autor, o texto aponta para a percepção do caráter essencial dos fenômenos. Essa percepção está entre o *samsara* e o *nirvana*, e é ela que conduz a vacuidade, a qual pode ser definida como a ausência de existência inerente. Além da vacuidade outro ponto fundamental para a manifestação da natureza búdica em todos os seres, é o insuperável despertar. O autor conclui, a partir de Gampopa, que ambos levam a compaixão, prática do bem, isto é, a natureza búdica.

No capítulo sete, Clodomir B. de Andrade (UFJF) considera emblemáticos os aspectos poéticos presentes na literatura budista. O autor sustenta no presente texto, intitulado *A Poesia do Derpertar: o Theragatha*, que são incontáveis os elementos poéticos encontrados nos textos búdicos, logo, seria impossível esmiuçá-los detalhadamente. O *Theragatha*, assim como era chamada a coleção de textos do *Khuddaka Nikaya*, do *Sutra Pitaka* reuniu poesias que tratavam sobre os mais variados assuntos, a exemplo de relatos da noite no meio da sangha, memórias pessoais do Buda, relatos pessoais dos próprios autores, ensinamentos do Dhamma, poemas que cantavam vitórias sobre a sensualidade, etc. O autor enfatiza que a exploração hermenêutica desses poemas pode ser positiva, mas se realizada de forma sistemática; daí a necessidade de um encaminhamento metodológico preciso, em nível *lato* ou *stricto sensu*. Segundo o autor, é plausível a tendência de se aproximar, através do viés estético, a poesia da soteriologia, da literatura e da mística. Uma leitura desse cunho torna-se enriquecedora não só no ambiente budista indiano, mas deve ser estendida às demais tradições budistas.

No capítulo oitavo, Paulo Borges (Universidade de Lisboa) em *O sorriso do Buda*, analisa a iconografia budista a partir da postura pacífica e do sorriso enigmático presentes na estatuária do Buda. Esses traços singulares, ao ver do autor, são frutos de uma atmosfera silenciosa que não usa da eloquência teórico-conceitual para se fazer compreender, como foi a vida do mestre Gautama. São várias as passagens da literatura búdica que revelam que as respostas do Buda a muitas perguntas foi o silêncio. É aí então que emerge o sorriso, a ausência de discursos e profecias. O autor chama atenção para o seguinte fato: o que se entende por doutrina, na verdade não é doutrina, pois o Buda nunca ensinou nada a quem quer que seja.

No nono e último capítulo, Derley Meneses Alves (Instituto Federal de Sergipe/IFS), no texto intitulado *Nietzsche, Buda e o Problema do Niilismo*, tece algumas considerações a respeito da leitura de Nietzsche sobre o budismo e o niilismo. Em *O nascimento da tragédia*, por exemplo, o filósofo alemão utiliza a expressão ‘anseio do nada’, referindo-se ao budismo como uma religião niilista. Interessante notar que a questão central, segundo Alves, é saber “como diferenciar os sentidos de niilismo presentes na obra de Nietzsche e na tradição budista?” (p. 209). Para responder tal questão é importante analisar os seguintes pontos: (i) as interpretações de Nietzsche sobre o niilismo mais se aproximam do pensamento aniquilacionista (uma escola que o budismo criticava) que do próprio pensamento búdico. Esta escola nega a existência de um outro mundo, da continuidade de algo após a morte e de uma ordem moral (karma); além disso, (ii) o niilismo para Nietzsche se apresenta como um processo inevitável no transcurso da história europeia. Corroborando o primeiro tópico, Alves sugere que os textos budistas optam mais por visão eternalista, onde é possível se alcançar algo de eterno e permanente, mediante esforços meditativos, que a total aniquilação das coisas, como prega o aniquilacionismo. Quanto à questão como o niilismo se apresenta na filosofia de Nietzsche, pode-se dizer que ela se remete a perda dos valores tradicionais difundidos pela tradição socrática cristã presentes nas noções de verdade e Deus. Esses valores não possuem mais sentido e não exercem mais influência em nossas vidas. Se não há verdade, se não há Deus, não há valor, não há sentido, não há *nada*.

Essa gama de reflexões sobre o Budismo que aqui resenhamos mostra-se inovadora e traz-nos a promessa de que as pesquisas em torno dessa área no Brasil continuarão a se realizar com comprometimento e qualidade. Reconhecemos o empenho do professor Deyve Redyson frente à organização deste livro e agradecemos a editora Fonte Editorial por ter aberto em seu catálogo da área de ciências das religiões, espaço para obras com temas orientais como o budismo. Por fim, desejamos a todos, pesquisadores do budismo, pesquisadores da filosofia e aos alunos que desenvolvem pesquisas e estudos sobre o budismo, uma boa leitura.